



DISCUSSÕES

Encontro Internacional de Praticantes do Teatro do Oprimido

Primeira Rodada:

Os Temas discutidos no primeiro dia de trabalho foram baseados na proposta original do Encontro, adicionados de outros propostos pela plenária. Algumas mesas ficaram em aberto para quem quisesse propor temas não listados. Cada mesa teve duas rodadas de 1h: um tema na primeira hora, outro na segunda, ambos seguidos por uma relatora. A maioria dos temas foi discutida por duas mesas, ou seja, por dois grupos distintos, tendo as seguintes regras:

- Decidir o facilitador da discussão, responsável pela mediação.
- Estabelecer um acordo para objetividade das falas, a fim de permitir a participação de todos e todas as presentes.
- Garantir a possibilidade de comunicação plena entre os presentes, através de um acordo prévio de tradução solidária.

Temas Discutidos:

1. Teatro do Oprimido;
 - a. Por quê?
 - b. Pra quê?
 - c. Como?
 - d. Com quem?
2. Quais os princípios fundamentais do TO que devem ser compartilhados em qualquer circunstância?
3. Como identificar quem é e quem não é um/a praticante de TO?
4. Como assegurar a formação qualificada de Curingas?
5. Como podemos nos ajudar mutuamente?
6. Como representar/clarificar a opressão?
7. Como combinar financiamento com autonomia?
8. O trabalho com o TO muda em diferentes contextos culturais?
9. Áreas de atuação.

Segunda Rodada:

Esta rodada foi dedicada às discussões temáticas, por área de atuação. Foram listados os temas indicados pela plenária.

- 1- Educação
- 2- Saúde mental
- 3- Violência / prisões
- 4- Diversidade sexual
- 5- Sexismo / violência contra a mulher
- 6- Discriminação social
- 7- Meio ambiente
- 8- Diáspora
- 9- Saúde
- 10- Direitos humanos
- 11- Trabalho
- 12- Analfabetismo
- 13- Capitalismo / imperialismo
- 14- Construção comunitária
- 15- Cultura

Depois de listados os temas, formaram-se os grupos. Uma pessoa interessada num determinado tema levantava-se e as demais com o mesmo interesse se juntavam à primeira e formavam um grupo. Dos quinze temas listados, formaram-se nove mesas de discussão, as quais trabalharam numa única rodada.

1. Saúde (que acabou privilegiando a discussão sobre saúde mental)
2. Educação
3. Diversidade Sexual
4. Sexismo / Opressão de Gênero
5. Discriminação Social
6. Pontes comunitárias (construção comunitária)
7. Meio Ambiente
8. Violência e Prisões
9. Trabalho, capitalismo, imperialismo, diáspora.

As oito primeiras mesas tiveram acompanhamento de integrantes da equipe de relatoria do evento. Na nona mesa o grupo preferiu eleger seu próprio relator. A equipe de sistematização apenas revisou o material, não se sentindo em condições de fazer a síntese. Como se trata de um material extenso, também não foi possível viabilizar a tradução.

Terceira Rodada:

Formaram-se cinco grupos para discussão por região geográfica, a fim de definir as possibilidades concretas de colaboração e estabelecimento de parcerias, através da formação e fortalecimento das Redes Regionais. As mesas aconteceram numa única rodada, tendo como estímulo as seguintes perguntas geradoras:

1. Precisamos de uma rede Internacional, Nacional e/ou Regional?
2. Por quê?
3. Para quê?

4. Qual seria nossa contribuição?
5. Como funcionaria?
6. Qual seria a diferença entre uma rede e um centro global?
7. Que pensamos da nossa presença na página internacional do TO na internet (páginas amarelas)?

Foram as seguintes as regiões geográficas:

África: Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Senegal e Sudão.

América do Norte: Canadá e Estados Unidos.

América Latina: Argentina, Brasil, Chile, México e Uruguai.

Europa: Alemanha, Áustria, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, Reino Unido e Suécia.

Ásia (com representação da Oceania e do Oriente Médio): Austrália, Índia, Israel e Paquistão.

Detalhamento das discussões:

[Primeira Rodada de Discussões](#)

[Segunda Rodada de Discussões](#)

[Terceira Rodada de Discussões](#)

PRIMEIRA RODADA DE DISCUSSÕES

TEATRO DO OPRIMIDO

O que significa?

Uma atividade essencialmente humana que nasceu de uma realidade empírica e da necessidade.

A suas raízes estão na solidariedade

Uma ferramenta de resistência, de conscientização e ação política.

Uma metodologia horizontal e dinâmica, relacionada com educação popular e de fácil acesso.

É relacionado com o espaço democrático

Não oferece soluções, propõe alternativas.

Não é o teatro do opressor.

Para quê?

Transformar o mundo, criar relações que sejam dialógicas.

Criar um mundo de paz e de igualdade, entendendo a paz como justiça social.

Re-humanizar a sociedade e as pessoas.

A transformação individual e coletiva.

A democratização da palavra (oferecer o direito à palavra a todos).

A libertação e re-humanização.

Promover a esperança e a partilha

Como?

Os meios têm que ser relacionados com os fins

Abrindo a possibilidade ao diálogo

Com quem?

Os oprimidos que querem transformar o mundo, numa sociedade sem classes.

Os movimentos e organizações sociais e políticas usando práticas criativas e não

convencionais (por exemplo, fazer política na rua, com jogos, teatro invisível etc.).
Trabalhar com os movimentos sociais tem muito potencial e impacto.
Não com instituições opressoras, como empresas, mesmo tendo gente que utiliza o TO para isso. É uma questão ética.

Comentários:

De que maneira nós vivenciamos a teoria de que falamos?
Mesmo durante esta conferência se apresentaram relações de poder entre nós mesmos.
Para alguns de nós o TO deve ir acompanhado de outras políticas, para outros o TO é suficiente como arma política.

QUAIS OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO TEATRO DO OPRIMIDO QUE DEVEM SER COMPARTILHADOS EM QUALQUER CIRCUNSTÂNCIA?

Estética, Ética e Solidariedade.

A importância do papel do Protagonista:

- estar claro
- focar a discussão sobre um problema
- ter o desejo de mudar

O Teatro-Fórum é uma representação da realidade para refletir e dialogar sobre ela, e não uma imitação da realidade como ela é.

O Teatro-Fórum é para humanizar a humanidade, dando voz aos silenciados e visibilidade aos invisibilizados.

Qual é o papel do “bystander” ou oprimido passivo no Teatro Fórum?

Quem o público pode substituir numa cena? Quais personagens? Precisamos formalizar isso ou é sempre baseado no contexto ou circunstância?

Os grupos podem representar problemas dos outros, ou devem sempre representar suas próprias histórias de opressão?

No processo de trabalho com TO deve-se conduzir para uma ação sócio-política? Existe diferença entre uma ação pela ação e uma ação “pensada em função de um objetivo”?

Questão da continuidade de trabalho: quais são as nossas responsabilidades a curto e longo prazo com as comunidades?

Comentários

A criatividade deve ser estimulada – não devemos industrializá-la

O objetivo é criar uma visão de grupo – este processo não deve ser mecanizado ou muito rígido

Precisamos encorajar o otimismo

COMO IDENTIFICAR QUEM É E QUEM NÃO É UM PRATICANTE DE TO?

Quem pode ser considerado um praticante de TO?

Uma pessoa que:

Segue a filosofia, os objetivos e a ética do TO (transformação + multiplicação).

Alguém profundamente conectada com o povo (conhece sua história, cultura e problemas atuais).

Tem experiência em ativismo, pedagogia, educação.

Considera o TO não somente um entendimento intelectual, mas uma prática incorporada.

Trabalha de forma democrática, numa relação horizontal, usando o diálogo.

Tem continuidade no trabalho e comprometimento

Quem não deve ser considerado um praticante? Uma pessoa que:

Faz uso inadequado do TO e/ou do nome de Augusto Boal e não respeita sua filosofia e objetivos (ex: aqueles que usam o TO como técnica para obter lucro)

Precisamos diferenciar entre:

Aqueles com boas intenções que praticam de forma errada por falta de experiência e conhecimento. Nesse caso, deveríamos tentar entendê-los e ajudá-los a melhorarem sua técnica, sempre através do diálogo.

Aqueles que realmente fazem uso inadequado do TO para outros fins, deveríamos encontrar uma estratégia para lidar com eles. Por exemplo:

Constrangê-los em sua prática.

Criar uma rede forte que pode ser uma boa forma de controle (difusão de boas práticas e denúncia de práticas inadequadas.).

Atenção especial aos sites na Internet (páginas amarelas, sites como

www.forumtheatre.org e www.augustoboal.com). O que devemos fazer? Comprar todos os domínios de internet? Iniciar uma ação legal? Desenvolver uma campanha na internet para combater este tipo de site e práticas inadequadas?

Controlar de uma maneira mais forte (sistemas de regulação, licença, tribunais de justiça), embora o controle seja contrário à filosofia do TO?

Devemos investir tempo neste controle ou nossa prioridade é definir uma identidade forte, fortalecer nossa comunidade e difundir boas práticas?

Conclusões

Precisamos refletir sobre o legado de Boal para nos ajudar nesta tarefa, pensando nesta questão em relação à ética do TO.

O debate sobre esta estratégia de lidar com maus praticantes está aberto e deve ser aprofundado.

COMO ASSEGURAR A FORMAÇÃO QUALIFICADA DE CURINGAS?

O trabalho do/a curinga é complexo

O/a curinga precisa ter claros os fundamentos teóricos e práticos presentes na metodologia do TO. A árvore do TO.

Ser curinga é um processo que leva tempo e precisa aperfeiçoamento

O/a curinga tem muita responsabilidade, pois forma outras pessoas, por isso é preciso dar um passo de cada vez.

O/a curinga precisa ter um conhecimento prévio do tema que vai trabalhar. Deve sempre procurar saber mais

O curinga deve ser maiêutico.

Perguntas:

Neutralidade do curinga: o curinga é o tempo inteiro neutro?

É preciso ser acadêmico ou ter um conhecimento acadêmico para ser curinga?

Tem pessoas que possuem aptidões para ser curinga e outras não?

É importante reforçar as diferenças entre curinga - aquele que dá formação - e o multiplicador - aquele que se apropria da metodologia, forma grupos, dá oficinas, ministra espetáculos?

Precisamos definir o que é curinga e seu papel:

Trabalha em todo o processo do TO, conhece todo o método, e não se limita ao fórum. Estudioso e conhecedor da realidade na qual se insere. Não é líder do grupo, nem é treinado com técnicas de animação de grupos. É alguém que deseja lutar contra as opressões e trabalha e pesquisa junto com os oprimidos as ferramentas para esta luta. Capaz de empatizar com o público, mas também separar-se para dar outras perspectivas. Busca sempre formação, é curioso e busca a ativação dos *espect-atores*. É prático e teórico

Para uma formação de qualidade:
Processo de formação continuado, exercitando sempre.
Encontros periódicos para troca de experiências e exercícios práticos.
Diálogos com outros curingas sobre o método e a realidade opressiva sobre as quais atuam.
Ver outros curingas curingarem para aprender junto.
Garantir (auto) avaliação do multiplicador/curinga.
Fidelidade às “Leis Pétreas” do TO, (TO é do, para e com o Oprimido, Ética, Solidariedade e Diálogo).
Saber / ter clareza da “Pergunta por trás da pergunta” nas relações de poder.
Realizar ações políticas concretas de transformação da realidade.
Acompanhamento dos multiplicadores (prática orientada/dialogada).

Observação: Se durante esta Conferência se chegar a um acordo para a criação de uma Organização Internacional do TO, esta terá de firmar um programa internacional de formação de curingas.

COMO PODEMOS NOS AJUDAR MUTUAMENTE?

Conhecermos uns aos outros, conhecermos quais problemas estão sendo enfrentados. Solidariedade internacional (ex: quando o governo de Angola proibiu a palavra “oprimido”, o GTO-Angola pediu ajuda à comunidade internacional que logo respondeu enviando cartas de apoio, as quais ajudaram a resolver parte do problema).
A necessidade dos GTO’s internacionais de receber apoio em termos de formação.
Criar oficinas sobre temas que os grupos têm em comum (por exemplo: a questão dos tabus em diferentes países)
Fortalecer as organizações regionais. Propõe-se que cada Região eleja um grupo referente que possa assistir os outros. A cada dois anos se poderia decidir mudar o grupo referência.
Como representantes de países ou regiões, podíamos nos responsabilizar para realizar um registro dos grupos que estão fazendo TO, como trabalham e que necessidades têm. Existe a dificuldade em saber quem faz TO e quando é TO. Surge a necessidade de abrir o debate.
Levanta-se a necessidade de criar uma organização. Exemplo dado: a estrutura da Federação do Senegal.
A página na internet é uma ferramenta muito poderosa. As pessoas podem escrever quando necessitarem ajuda, ou podem oferecer ajuda.
A necessidade de compartilhar experiência em termos de captação de fundos.
Criar intercâmbios reais (por exemplo, o grupo de Lille em França que visitou o grupo da Índia e depois o grupo da Índia foi a França trocando experiências).

COMO REPRESENTAR/CLARIFICAR A OPPRESSÃO?

A importância do processo: criar um pensamento crítico para entender a opressão através de diferentes perceptivas (ex: grupos de pesquisa, trocas comunitárias e de experiência e conhecimento). Os grupos deveriam virar “especialistas” da própria opressão (crítica social)

Nossas ferramentas são: a linguagem (pode ser usada para oprimir e para libertar), imagens, pesquisa, diagnóstico da comunidade – envolvendo a comunidade para verificar o impacto antes de apresentar a cena para outras comunidades.

Trabalhar muito sobre a imagem, os diferentes tipos de dinâmizações das imagens para poder fixar a imagem da crise.

Contra-preparação começa com a contextualização na cena, amplia a imagem (lupa) para mostrar que a opressão não é natural, mas histórica.

Desejo, motivações, relações, perguntas do opressor e do oprimido têm que de ser claros. Quem é o opressor contra o qual o oprimido esta lutando?

Analisar e estudar as relações de poder encenadas.

Ter cuidado com o processo de produção. (não ter que apresentar o produto rápido)

Trabalho com a criatividade e interpretação das/os atores. Rotatividade de personagens. O grupo tem de ser claro e aberto para decidir quem vai interpretar cada papel.

Não perder o poder das imagens na hora de “fechar” o processo, realizar o trabalho “fino” de “limpeza” da cena.

Trabalho com a estética é fundamental para clarear a opressão. Caracterização das cenas e personagens.

Não só a beleza estética é importante. Devemos também considerar a beleza estrutural ou a integridade da cena: como a cena atrai o público, como conta a história através da metáfora, como representa os pontos de vista/idéias consolidadas do grupo.

Usar técnicas de ensaio que favorecem a cena, os personagens e a clareza da opressão.

Fazer ensaios abertos antes da primeira apresentação (ter um diálogo com público/reação do público).

É importante entender a ideologia ou o ponto de vista do opressor, para poder provocar nos *espect-atores* perguntas poderosas.

Como usamos um personagem para representar uma estrutura opressiva? Como não perder matizes/detalhes, representando-lhe demasiado fatalista ou cheio de ideologia vazia?

Quem são os *espect-atores*? Podemos mudar a opressão da cena segundo público específico?

É responsabilidade do/a curinga conhecer o contexto em que trabalha ao invés de projetar opressões imaginadas na comunidade. A representação da opressão deve ser gerada a partir da experiência e da perspectiva da comunidade.

De quem é a história? Por que estamos contando esta história de opressão? Por que com esta perspectiva? Qual o propósito? O propósito é focar a comunidade no diálogo para que entenda a opressão e a possa relacionar com a sua experiência local/pessoal. Assim ela vai poder liderar o diálogo.

A questão dos “oprimidos passivos” / “bystander” necessita mais discussão: eles não podem diminuir a luta do oprimido.

Uma vez apresentada a cena, grupos/comunidades/*espect-atores* necessitam sentir-se capazes de dar um passo no “mundo real” para mudar/transformar/lutar contra aqueles sistemas que foram apresentados na cena.

COMO COMBINAR FINANCIAMENTO COM AUTONOMIA?

Problemas e dúvidas

Devemos receber financiamento para fazer TO?

Muitas vezes temos de sustentar as atividades de TO com outras atividades profissionais.

Que tipo de financiamento podemos aceitar?

- O financiamento do setor privado levanta a questão ética.
- Fazer oficinas não resolve o problema do financiamento de ações de médio e longo prazos.
- É possível realizar projetos encomendados sem perder os nossos princípios e valores?

Dificuldade do financiamento por projetos: problema da continuidade do trabalho

Desejos e necessidades

Profissionalização do TO.

Continuidade do trabalho com os grupos.

Reconhecimento do nosso trabalho e da sua utilidade/eficácia.

Soluções e possibilidades

Sensibilizar e convencer os financiadores da utilidade e eficácia do nosso trabalho apresentando documentos e resultados concretos (ex: testemunhos usuários).

É necessário formar-se para redigir projetos e captar fundos.

Juntar-se para pedir financiamento (nível local, regional, nacional, internacional). Uma rede ajuda a sustentabilidade.

Ser pessoa jurídica pode ser útil para apoiar os multiplicadores/grupos que não são?

Possibilidade de organizar eventos especiais para arrecadação de fundos.

O TRABALHO COM O TEATRO DO OPRIMIDO MUDA EM DIFERENTES CONTEXTOS CULTURAIS?

Estimular a troca cultural, já que em diferentes contextos o TO é trabalhado de formas diferentes.

Existem diferentes tipos de opressão em diferentes partes do mundo. (Na Europa a opressão se dá de forma mais invisível do que nos países do Sul do mundo que possuem opressores mais concretos).

Há uma diferença de estilo: **na Europa não se usa tanto a Estética do Oprimido, porque a cultura determina que é necessária uma estética mais realista.**

Uma parte da mesa pergunta-se se deve seguir ou não a dramaturgia.

Algumas pessoas acreditam que a dramaturgia, por ser um dos fundamentos do teatro fórum deve ser seguida. Podem-se ter variações de estilo, mas a essência deve ser a mesma.

Outros não acreditam na essência da dramaturgia, que pode variar dependendo do contexto. Algumas pessoas lembraram que a dramaturgia é algo muito novo e muita gente já estava trabalhando com teatro fórum antes dela existir.

Algumas pessoas acreditam que devemos entender primeiro os fundamentos existentes do método para depois pensar em modificá-los.

ÁREAS DE ATUAÇÃO

Apresentam-se trabalhos em diferentes áreas (diáspora, tortura, homofobia, fundamentalismo, justiça restaurativa, questão indígena e gênero).

Desafios:

Sustentabilidade financeira.

Diferentes percepções de violência.

Solidariedade versus aliança.

Adaptação do método para tratar de realidades diferentes.

Podemos mudar as regras? Qual é o limite pra isso?

A quem o público pode substituir?

Uma parte da mesa pensa que para investigar a estrutura das opressões e relações sociais, **precisamos poder substituir todos os personagens**. Não tratamos com a pessoa em particular, mas o papel que ela exerce na sociedade.

Outra parte pensa que o público tem que se identificar com o personagem que vai substituir. Sempre temos de trabalhar sob a ótica do/a oprimido/a, ajudando a se libertar daquela situação. Não podemos substituir o opressor.

Independentemente dos grupos (idosos, jovens, mulheres etc.) o TO deve trabalhar todos os temas que saiam dos grupos. O TO não pode impor temas aos grupos, adapta-se as suas necessidades.

Um/a bom/a curinga ou multiplicador/a deve, junto com seu grupo, analisar as problemáticas apontadas e decidir qual é a mais importante e necessária a ser tratada.

Sugere-se a necessidade de trabalhar em equipes e não sozinhos. Isso permite a equipe cuidar da pesquisa da área de trabalho. O ideal seria ter na mesma equipe várias pessoas com diferentes especialidades (ex: especialista em saúde mental, jovens etc.).

É muito importante conhecer o padrão social dos grupos e o contexto onde vivem

É necessário motivar os jovens, criar interesse. Não se pode falar da filosofia ou ética do TO num primeiro momento, é melhor praticá-lo e não falar apenas na teoria.

É necessário também trabalhar com multiplicadores jovens para facilitar a identificação de jovens integrantes de grupos comunitários com o trabalho de TO.

É necessário pensar em boas estratégias para motivar os jovens (por exemplo: utilizar a música que elas/eles gostam (hip-hop e etc.), propor um lanche depois da apresentação de uma cena de Teatro Fórum, entre outras possibilidades.).

SEGUNDA RODADA DE DISCUSSÕES

Saúde Mental

Objetivos:

- Investigar alternativas de transformações nos hospitais de saúde mental
- Contribuir para a re-inserção de usuários de saúde mental nas próprias comunidades e no Mercado de trabalho
- Recuperar a identidade individual, como cidadãos, atores e pessoas, em vez de ser tratados como “loucos”.
- Desafiar os estigmas e opiniões sobre os pacientes (usuários) de saúde mental

Processo:

- criar redes comunitárias entre os usuários, suas famílias e outros profissionais.
- Criar conexões institucionais com as municipalidades, o Ministério de Saúde e outras instituições, para gerar acordos cooperativos.
- Restaurar o teatro como um ritual. É um método potencial para a re-inserção dentro da sociedade
- É diferente o processo de contar histórias no grupo de TO do que com um terapeuta.
- Ligar o artístico com o médico para criar espaços onde as pessoas possam ser o que realmente são
- Trabalhar não somente com saúde mental, mas também com sexualidade, HIV, uso de camisinha, trabalho, racismo, discriminação, etc.
- Os espetáculos devem ser realizados dentro e fora das clínicas

Desafios:

- Frequentemente, trabalhamos sem a cooperação dos psiquiatras, psicólogos e outros trabalhadores das clínicas.

Necessidades:

- Procurar outros espaços onde se dança, se toca música e outras expressões artísticas.
- Criar alianças entre artistas e terapeutas
- Criar redes e alianças entre as pessoas que trabalham na saúde mental:
 - Realizar uma Conferencia Internacional de TO sobre estes temas
 - Convites para o encontro de Maio de 2010 no Brasil

Educação**Porque fazer TO nas Escolas?**

- As escolas não são lugares agradáveis, são lugares de opressão.
- As escolas não são capazes de tratar as diferenças na aprendizagem, o aluno é culpado por não aprender.
- A educação obrigatória gera apatia, pouca participação do estudante e falta de disciplina escolar; - Os jovens não enxergam a relevância da educação.
- Aos professores falta (formação) treinamento adequado, têm à disposição poucas metodologias e alternativas.
- Falta de apoio às famílias para serem envolvidas na educação escolar dos filhos
- Evasão escolar devida à família ou a circunstâncias sociais
- Violência da escola; a escola cria relações pouco respeitadas entre os estudantes, educadores, administração da escola e a comunidade.

Perguntas chave:

Como levar o TO dentro do círculo educativo? Como o TO pode contribuir para mudar os conceitos pedagógicos? Como o TO se desenvolve dentro das escolas com estruturas tão rígidas? Deveria se desenvolver fora delas?

Discussão:

- Há necessidade de trabalhar TO com estudantes, professores e comunidades nos círculos educativos formais e informais.
- Há necessidade de transformar as escolas em espaços de socialização, formação política, diálogo e pensamento crítico (não educação bancária).
- Destaca-se a importância da Estética do Oprimido para romper a opressão cultural
- O uso da metodologia do TO para democratizar as salas de aula
- Criar participação e espaços comunitários; revolucionar a estrutura rígida e hierárquica das escolas; TO pode promover debates e aprendizagens entre os estudantes.

- Os Curingas têm que ter cuidado em não permitir a institucionalização do TO nas escolas
- A aplicação do TO para criar parlamentos estudantis e experiências de modelos democráticos.

Diversidade Sexual

Dificuldades:

-Dificuldades em apoiar os grupos e/ou receber suporte real do movimento LGBT. As pessoas deveriam reconhecer TO como uma arma legítima para o movimento, mas nem todos o fazem.

- Dificuldade em trabalhar com a comunidade heterossexual

Áreas de trabalho:

- Homofobia interna, - entre indivíduos e entre o movimento LGBT.

- Construção de Gênero

-Trabalhar com a diversidade sexual nas escolas (contra a discriminação sexual)

Perguntas:

-Como começar ou ampliar o trabalho dentro ou com a sociedade e não só internamente no movimento?

- Necessidade de conscientizar de forma que se tenha presente o sistema mais amplo de opressão
- Levantar debates, conversas
- É importante para o Teatro Fórum providenciar uma plataforma de solidariedade?
- Trabalhar somente na comunidade LGBT o preconceito e a solidariedade?
- Necessidade de sermos claros sobre os tipos de perguntas com as quais estamos tentando de lidar.

-Quando se trabalha na comunidade ampliada, uma pessoa que não tem experiência pessoal desta situação (por ex. uma pessoa heterossexual) pode tomar o papel do oprimido?

Relacionadas com estas perguntas:

- Qual o papel dos/as curingas em facilitar o debate? Devem ser “dificultadores”? Devem criar segurança num contexto com pessoas de diversas sexualidades? Como fazer?

Convicções:

-É importante falar da situação familiar quando se fala de diversidade sexual.

-A importância dos direitos políticos e não só das paradas gays etc.

-A dominação da terminologia masculina em Espanhol/Português/Francês não é somente uma questão de língua, mas reflete o sexismo das nossas culturas. Precisamos ser conscientes e utilizar uma linguagem inclusiva, como a palavra ‘curinga’ e na nossa terminologia (Teatro das Oprimidas).

Sexismo / Opressão de Gênero

A mesa mudou de nome: “Opressão contra a mulher”

Nenhum homem participou nesta mesa de debate

- Contextualização da realidade de cada mulher participante. Chega-se à conclusão que a opressão e discriminação da mulher curinga é um problema comum a todas.

Vivemos numa sociedade machista e patriarcal, por isso, seria uma ilusão, mesmo dentro do TO, que exista igualdade plena. Pergunta-se se o TO se reconhece feminista.

- Destaca-se dificuldade das curingas africanas.
- A opressão contra as mulheres é transcultural.

PERGUNTA: Como o TO pode fazer frente a esta situação das mulheres?

- Criar um espaço para as mulheres dentro do TO
- Criar pontes para conectar as mulheres do TO de todos os países
- Criar uma rede internacional de mulheres curingas
- Criar encontros de mulheres curingas a nível nacional e regional
- Iniciar dentro do TO um diálogo sobre a opressão contra as mulheres
- Realizar uma mostra de TO sobre opressão contra as mulheres
- Comenta-se a possibilidade de reunir mulheres curingas durante o festival da Áustria

PROPOSTAS CONCRETAS

- Realizar o primeiro encontro internacional de mulheres curingas/multiplicadoras de TO em 2011.

ESTRATÉGIAS PARA O ENCONTRO

- Realizar encontros locais (dentro do mesmo país) de mulheres praticantes de TO.
- Pesquisar e colaborar, em cada país, com outros grupos e associações de mulheres organizadas e com dinheiro oferecendo-lhes a nossa ferramenta: o TO.
- Criar uma rede concreta a partir destes primeiros encontros locais,

Discriminação Social

CONTEXTO:

Estamos interessados nas políticas de mudança, não queremos ficar no gueto, queremos estar presentes nas diferentes esferas da sociedade, especialmente no mundo da cultura e o mundo do trabalho.

Recebemos propostas para trabalhar com organizações, algumas muito importantes, mas elas nem sequer sabem o que querem. Queremos trabalhar com pessoas e organizações que estão comprometidas com a mudança e que olham as pessoas na base da igualdade

OS PROBLEMAS QUE ENFRENTAMOS:

- Ignorância e Discriminação contra os grupos sociais devido à raça, renda, necessidades especiais, gênero, etc.
- Baixa auto-estima entre os participantes.
- Baixa assiduidade dos participantes às oficinas e ensaios (às vezes têm que ser substituídos por atores).
- Falta de tempo
- A falta de recursos significa dificulta a promoção de formação nos ambientes institucionais / acadêmicos, o que dificulta a circulação do saber.
- Na África faltam políticas especiais para as pessoas portadoras de deficiência que não têm apoio e sofrem com a discriminação.

Pontes Comunitárias (construção comunitária)

- Pontes entre pessoas de diferentes idades, culturas e interesses.
- Teatro-Fórum para ir além das diversidades e reforçar a comunidade
- Fortalecer as comunidades que estão em busca das suas identidades
- Experiência na Holanda: Teatro-Fórum com dois protagonistas que têm os mesmos interesses, mas diferentes perspectivas. O conflito principal não era entre eles, mas entre

uma comunidade dividida e o governo local.

- Experiência no Uruguai: Teatro-Fórum com terceira idade.
- Experiência em Portugal: Teatro-Fórum em língua Criola.

Meio Ambiente

Tema transversal!! A questão ambiental faz parte da questão social.

Exemplos:

- Teatro-Fórum sobre o lixo na praia no Brasil.
- Em uma aldeia no Senegal, o TO mobilizou as pessoas, assustou as indústrias, e ajudou o partido de oposição a vencer as eleições municipais

Perguntas e Observações sobre o último exemplo mencionado:

- Podia-se realizar o Teatro Legislativo? (notar que o T.L. poderia funcionar mesmo com pessoas analfabetas)
- A cena pode ser apresentada frente ao Governo?

As pessoas da mesa sublinham os interesses econômicos do Governo.

Propostas:

- Unir políticas e educação para o uso saudável dos recursos naturais
 - TO precisa trabalhar com a comunidade, cada um tem que prestar atenção ao tema, todos estamos sofrendo por isso.
 - Necessidade urgente para mais conscientização, inclusive dentro da comunidade de TO.
- A transformação social é também sobre o ambiente. Existem muitas contradições que precisam ser mudadas. A prática de TO produz muito lixo (por ex. material para a estética, tintas, mas também copos de plástico, viagens de avião etc.). Introduzir o tema nos vários grupos.
- Criar uma rede sobre os assuntos ambientais, comunicando via internet.
 - Encorajar a Solidariedade Internacional em caso de problemas, informando a comunidade internacional para pedir apoio enviando e-mails e outro tipo de pressão política.
 - Criar vínculos com outros grupos para mostrar que não se trata somente de um problema local, e conseguir apoio internacional para ter mais visibilidade, peso e credibilidade.
 - Ações concretas: introduzir a reciclagem do lixo, etc.

Violência e Prisões

Perguntas que interessaram o grupo:

- Como quebrar o ciclo da violência?
- Como não reproduzir violência dentro e fora da prisão?
- Como trabalhar contra a violência?
- Como se gera a violência dentro dos seres humanos?
- Como é o processo de humanização e desumanização?
- É possível combater a violência sem utilizar violência?

Debate relacionado ao TO:

- Promover o diálogo através do TO entre grupos previamente entendidos como antagonistas – presos e guardas, Palestinos e Israelenses – é uma maneira para desconstruir a violência sem utilizá-la.
- Dificuldade em formar multiplicadores em Israel, devido à realidade local. *Apesar de*

sermos um grupo com bastante visibilidade, ainda não encontramos os meios de termos mais tempo juntos. Chen Alon (Combatants for Peace) pede ajuda em relação à multiplicação.

- Em Israel, algumas ações, apesar de serem nascidas das oficinas de TO, não são atuadas teatralmente. O teatro ainda é visto como um entretenimento ou um jogo. Uma ação que o utilize ainda não é tomada seriamente. Este é outro desafio.

- Realizar apresentações dentro e fora das prisões é uma maneira de quebrar o ciclo da violência e de preveni-la.

- Durante as oficinas é possível substituir o opressor quando se quer investigar este rol. Nas apresentações de Teatro-Fórum este tipo de substituição deveria ser evitado e ocorrer somente depois da avaliação do/a Curinga local e segundo o objetivo real da apresentação. (O/a Curinga tem que ter clara a estrutura de poder local).

TERCEIRA RODADA DE DISCUSSÕES

PERGUNTAS GERADORAS:

Precisamos de uma rede Internacional, Nacional e/ou Regional? Por quê? Para quê? Qual seria nossa contribuição? Como funcionaria? Qual é a diferença entre uma rede e um centro global? Que pensamos da nossa presença na página internacional / páginas amarelas da ITO?

REGIÃO	PAÍSES	DISCUSSÃO E PROPOSTAS
ÁFRICA	ANGOLA GUINÉ-BISSAU MOÇAMBIQUE SENEGAL SUDÃO	<p>Uma Rede Africana de TO é muito importante e necessária.</p> <p>Por que: Nosso continente tem muitas línguas, mas para nós não é um problema porque temos uma linguagem em comum: a linguagem dramática. Como africanos enfrentamos problemas parecidos. Isso nos ajudaria a não ficarmos isolados do resto do mundo. E conseguirmos igualdade entre com os demais praticantes de TO no mundo Primeiro deveríamos definir claramente os objetivos da Rede e depois pensar em como realizá-los e como financiá-los.</p> <p>Para que: Reforçarmos com os nossos próprios recursos Respeitar e afirmar a nossa Africanidade, para que os que não africanos nos respeitem. Ter uma forma de comunicar e sentirmos mais próximos considerando o contexto africano onde a comunicação é mais difícil e lenta. Investir em formação para fortalecer os grupos. Compartilhar experiência e boas práticas, mas também</p>

		<p>as dificuldades. Apoiarmos-nos mutuamente, por exemplo, para criar um grupo de TO ou um centro. Ter visibilidade e reconhecimento, particularmente dos nossos governos. Comunicar com o resto do mundo (redes, organizações etc.).</p> <p>Como fazer? Começar esta Rede com os cinco países presentes na Conferência Internacional e depois outros países poderiam juntar-se. Lembrar que somos somente representantes de nossos países e não temos um mandato. Pesquisar os nossos próprios recursos e reforçar nossas capacidades ao invés de pedir ajuda do estrangeiro. Algumas pessoas que já têm experiência de rede poderiam ser facilitadores tendo cuidado na seleção deles e tendo como critérios não só a idade dos facilitadores e o tamanho da organização, mas também a qualidade e potencialidade.</p> <p>Passos prévios: Tentar primeiro identificar os grupos africanos que trabalham com TO. Melhorar nossos próprios trabalhos como praticantes de TO. Identificar organizações que trabalham em nossos países (como Unicef), fazer um mapa delas e tentar obter apoio para construir a Rede.</p> <p>Próximas ações concretas: Escrever um documento sobre a Rede Africana de TO com o aval da Conferência Internacional. Organizar o primeiro encontro em Moçambique. Criar uma página na internet para a Rede (proposta do Senegal), tendo presente para quem seria a Rede, se para nós ou para os estrangeiros. E não esquecer que em Moçambique, por exemplo, somente o 3% da população tem acesso à internet e que alguns grupos de TO nem sequer têm computador.</p>
AMÉRICA LATINA	ARGENTINA BRASIL CHILE MEXICO URUGUAI	<p>É necessário criar uma Rede Internacional, Regional e Nacional. É necessário abrir a discussão sobre o que é uma rede, retomando as linhas diretrizes propostas pelo Brasil durante o encontro realizado no CTO em Março de 2009. No Brasil já existe uma articulação virtual entre os vários Estados.</p>

		<p>Propõem-se retomar e revisar estas linhas diretrizes com os outros países da América Latina.</p> <p>Chegou-se ao consenso de que é necessária uma Rede Regional para partilhar as experiências, com os seguintes objetivos: encontros, comunicação, compromisso, registro e análise.</p> <p>Nesta Região já existe o CTO no Brasil que é muito forte. Propõem-se criar novos contatos com os Países que não têm TO.</p> <p>É necessária solidariedade entre quem já tem uma formação mais completa e quem não tem nem formação nem recursos econômicos.</p> <p>PROPOSTA:</p> <p>Criar uma estrutura orgânica comprometida e articuladora e não uma estrutura burocrática e hierárquica que prevê uma Comissão Regional com três grupos de trabalho:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) O primeiro grupo trabalha os princípios e objetivos da Rede 2) O segundo grupo trabalha na comunicação virtual 3) O terceiro grupo trabalha na realização de encontros entre pessoas, grupos, etc. <p>A Comissão foi formada por representantes de todos os Países presentes na mesa.</p>
AMÉRICA DO NORTE	ESTADOS UNIDOS CANADÁ	<p>O grupo tinha perspectivas mistas sobre a criação de uma organização internacional, dependendo de quais seriam sua abrangência e seus objetivos.</p> <p>Preocupações: A maior preocupação do grupo foi em relação à idéia de que uma organização internacional poderia se tornar um centro de poder, ou talvez agir de forma "policial" em relação à prática do TO. Outra questão levantada foi sobre a gestão / propriedade da organização - quem seria o responsável? Como esta comissão seria eleita? (Uma idéia seria ter uma liderança rotativa, por exemplo).</p> <p>Expectativas: Alguns membros consideraram que uma organização internacional poderia ajudar grupos ao redor do mundo que não dispõem de recursos. Outros consideraram ainda que também poderia ser essencial para aumentar a comunicação, especialmente dentro e entre países praticantes que raramente interagem entre si. Também foi levantada a hipótese de que tal organização poderia promover a formação (multiplicação) através desta rede. Além da possibilidade de ajudar a coordenar conferências subseqüentes como que a que foi organizada pela CTO, reconhecendo que esse planejamento leva tempo e dinheiro, talvez, uma</p>

		<p>organização internacional pode apoiar melhor.</p> <p>Não houve consenso total sobre um tema específico, mas havia muitas perspectivas diferentes, a maioria dos quais estão representados acima.</p> <p>Necessidades – Desejos: quais são? Como combiná-los com os do resto do mundo? Diálogo presencial - e não só virtual – e intercâmbios Projetando um modelo de Organização (missão, estatuto jurídico, estrutura, lugar). Possibilidades: página na internet, rede, associação, afiliação, ONG internacional, conferências. Como evitar que seja rígida, hierárquica, etc.? Presença na página da ITO: importância de uma página para centralizar a informação sobre os grupos de TO. Potencialmente útil para ajudar os grupos a conectar-se. Poderia ser uma página participativa onde os usuários teriam condições de modificar os conteúdos nas suas próprias páginas, receber e-mails, etc. Tempo para análise crítica e reflexão: O grupo concorda que é cedo demais para começar uma organização internacional. Importância de tomar tempo refletir individualmente e coletivamente sobre a idéia de uma entidade internacional (Rede e/ou Centro Global).</p>
<p>ÁSIA E OCEANIA</p>	<p>ÍNDIA PAQUISTÃO ISRAEL AUSTRÁLIA</p>	<p>Discutiu-se a possibilidade de uma organização formalizada. Isso requeriria perguntar-se sobre a sua governabilidade, a sua estrutura legal, política e social, suas regras e princípios.</p> <p>A criação de uma organização tem que ser orgânica e não imposta e talvez ainda não seja o momento para isso.</p> <p>Seria mais apropriada uma Rede que não precisa uma estrutura legal e é mais democrática.</p> <p>Para quê uma Rede? Apoiar-se mutuamente no trabalho Enriquecer-se, aprender e compartilhar Intercambiar a informações sobre formação (necessidades, lugares, grupos, etc) Ajudar os ativistas de TO e as associações em caso de perseguição política (apoio jurídico, financeiro, etc.). Levantou-se a questão da inclusão ou exclusão de participantes na Rede. Alguns pensam que não tem que ser aberta para todos; que se necessita definir seus princípios. Aqui algumas sugestões: compromisso para a democratização da sociedade; não dogmatismo; lutar para a transformação das condições sociais dos oprimidos; ética.</p>

		<p>Como? Usar e modificar o AITO: Tirar a letra “A” de associação da sigla; Começar com as Regiões: escolhendo um responsável regional para criar aliança/comunicação; assegurar a inclusão de todos na página; pequisar para financiamentos; Criar um comitê diretivo internacional de pessoas eleitas nas Regiões para garantir o compromisso ético e a inclusão de todos; para dialogar com as Regiões; informar sobre os encontros internacionais e sobre financiamentos; comitê rotativo que pode-se comunicar via skype e internet.</p>
EUROPA	ALEMANHA ÁUSTRIA ESPANHA FRANÇA HOLANDA INGLATERRA ITÁLIA PORTUGAL SUÉCIA	<p>Abre-se o debate sobre o que é uma rede e sua eficácia: Trabalhar juntos e trocar práticas. Estar em contato virtual e presencial. Solidariedade em caso de emergência (exemplo do Sanjoy na Índia). Ser bons vizinhos, espírito de cooperação versus espírito de competição. Recordar a importância de se trabalhar em conjunto a nível local.</p> <p>Rede ou Organização? Uma parte da mesa pensa que é necessário “ajudar” a África e outros Países do sul. Outras pessoas complementam dizendo que também é necessário responsabilizar-se com os Países europeus em situação difícil (exemplo da Bielorrússia). A mesa concorda que a solidariedade não é só dinheiro, mas também de intercâmbios, formação e ações políticas. A Rede Regional faz sentido dentro de uma Rede Internacional Necessidade de formalizar os princípios do TO para chegar à unidade. Tomar conhecimento dos trabalhos que todos e todas realizamos e avaliá-los mutuamente. Que dizer também da viabilidade e financiamento da Rede ou Organização?</p> <p>Propõem-se seguir um modelo flexível IETM (Informal European Theatre Meeting – Encontro Informal Europeu de Teatro) Em caso de se abrir uma Rede Regional, seria necessário obter um financiamento e criar uma comissão.</p> <p>Nota: Proposta de traduzir e divulgar os livros de Augusto Boal e/ou criar uma casa editora TO.</p>

